

## TRAJETORIA E BIOGRAFIA NA TRAVESSIA DA JUVENTUDE: ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Mirela Figueiredo Santos **Iriart** – UEFS

A crise de autoridade na relação pais-filhos; professores-alunos que vem configurando as relações intergeracionais no mundo contemporâneo interpela estudiosos, pais e educadores sobre a fragilidade dos laços sociais e da filiação geracional. Segundo Castro (2006), em face do individualismo contemporâneo, as novas gerações “tem que se encarregar de construir o próprio destino, dar sentido às suas ações e decisões, se afirmar como singularidade” (...) (p.256). A autora analisa a fragilidade do laço intergeracional (de solidariedade e reciprocidade), quando questiona o posicionamento das novas gerações frente à tradição, tendo em vista o individualismo. Reconhece prováveis “rachaduras” entre a transmissão da herança cultural por parte dos mais velhos e a sua recepção pelos mais jovens, colocando em risco as trocas geracionais. Mesmo que se reconheça que estas trocas não são pacíficas, já que se trata de uma reconstrução negociada de sentidos, e não de mera reprodução de valores, cuja agencia do sujeito deve ser garantida, podendo resultar em mudanças sociais.

Para Alfredo Jerusalinsky (2003) a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo “debilitamento” do laço social, quando o objeto (de consumo) passa a tomar o lugar central na cena social, ocupando o lugar do semelhante. A busca do sujeito não é mais pelo outro, mas pelos objetos, simulacros da herança cultura, porém sem historicidade. Ao consumi-lo antropofagicamente, o sujeito acaba por anular a sua existência. Na busca incessante do novo, tornam-se nômades, sem laços sociais mais duradouros. “O consumível como materialização de uma cultura, tem efeito fantasmagórico (...)”, segue Castro (2006) na sua análise da geração atual, considerada como desmobilizada, ao não se comprometer com sentimentos duradouros.

A trajetória biográfica, configurada através de circunscritores (limites e possibilidades) sócio-histórico e culturais e que se atualiza através das narrativas pessoais, tenciona-se com um ideário individualista, cuja ênfase na auto-determinação e na autonomia do sujeito, coloca em xeque a capacidade de instituições como a família e a escola de ancoragem segura das transições juvenis. As instituições socializadoras tradicionais, que atuam como suporte para a construção das trajetórias pessoais vem passando por um processo de desregulamentação, não mais cumprindo com um contrato social que precisa ser redefinido na contemporaneidade.

Para Castels (citado por NARDI, 2002) o hiperindividualismo contemporâneo aliena o sujeito do seu laço social, já que para ele a sociedade não faz sentido, e por ela não se responsabiliza, quando as pressões sociais são sentidas como impossíveis de serem suportadas, pela imposição da mercantilização do trabalho, numa conjuntura neoliberal, com fraco suporte social.

A transição para a vida adulta, outrora circunscrita a percursos lineares e normatizados do curso de vida, hoje cede lugar a uma trajetória descontínua, a que Pais (2006) chamou de “trajectividade”, percurso sinuoso, construído nos intersticiais domínios da cultura, da sociabilidade, dos laços de amizade, onde os jovens podem se expressar, inscrevendo-se no mundo social, atravessados pelas inconstâncias do presente e pelas incertezas do futuro, marca da temporalidade no mundo atual.

Nas tensões existentes entre distintas temporalidades: passado, como memória biográfica, presente, como tempo da experiência geracional e futuro, como tempo do por vir, projetado a partir do presente aberto como campo de possibilidades, a família e a escola exercem um papel importante na negociação das escolhas juvenis e na construção de estratégias de delineamento de seus projetos/ações no presente, com vistas à sua inserção social.

Gilberto Velho (1981) entende ser o projeto uma forma de o sujeito social dar sentido a sua trajetória, com base nas influências históricas e culturais de sua época. Sendo a trajetória individual o lugar onde as marcas das escolhas que o sujeito assume ao longo da sua biografia inscrevem-se, tendo em vista a concretização de planos futuros.

Compreender criticamente o lugar da família e da escola, ao longo da transição juvenil, nos anos finais do ensino médio, na construção negociada de estratégias de alcance do futuro e de significação do presente, levando-se em conta os distintos mecanismos de participação construídos pelos sujeitos, é o que se propõe aqui.

As famílias não transmitem apenas bens materiais, transmitem visões de mundo, concepções de trabalho, um código moral, uma idéia sobre futuro, apropriadas e resignificadas dinamicamente por cada um dos seus membros.

Também a escola é um contexto privilegiado para se pensar a transição juvenil, como comunidade de prática, que mediatiza as experiências de vida através do compartilhamento de idéias, memórias, emoções, fornecendo recursos cognitivos e simbólicos que favoreçam a produção de narrativas de si.

Os/as jovens que fizeram parte da pesquisa eram concluintes do ensino médio em uma escola pública, localizada num distrito localizado na fronteira entre a zona rural e urbana, distante cerca de 12 quilômetros da sede do município. São na sua maioria do sexo feminino, não trabalham formalmente, ocupando-se com os estudos e auxiliando no trabalho da lavoura, ou em outras atividades junto à família e cujos pais apresentam baixa escolaridade. A faixa etária variou entre 18 e 23 anos, revelando uma defasagem entre idade. Considerando a perspectiva desse estudo, a entrevista narrativa, uma forma de entrevista não estruturada e de profundidade, foi o instrumento que melhor permitiu a aproximação com os sujeitos, garantindo empregar um tipo específico de comunicação cotidiana: o de contar e escutar história. Através destas narrativas, foram selecionadas as histórias de um jovem de 20 anos e de uma jovem de 19 anos, cujos nomes apresentados são fictícios, revelando percursos possíveis delineados a curto e médio prazo.

Compartilha-se aqui de uma visão dialógica do *self* na configuração das subjetividades, como uma construção semiótico-reflexiva, cuja dinâmica envolve posicionar-se e reposicionar-se no espaço e no tempo, nas tensões entre o “aqui-e- agora” e o “lá-e-então”, entre o presente e futuro. Assume-se a perspectiva narrativista de Bruner (1997), ao enfatizar a centralidade das relações sociais e da linguagem nos processos de constituição da pessoa e da construção do sentido de si mesma. Ao narrar a si mesmo, o sujeito pode conter as incertezas do futuro, resignificar os eventos críticos do passado e reorganizar suas experiências no presente. É possível perceber que a construção das narrativas pressupõe o diálogo com o outro, buscando nas diferenças e semelhanças, as regularidades de si, com base na dialogicidade entre o eu e o não eu (vozes interiores); entre o eu e o mundo (vozes sociais), projetando-se a si num horizonte temporal.

A dimensão temporal atravessa o desenvolvimento psicológico e a constituição das subjetividades, conferindo historicidade ao ciclo de vida, questionando o tempo como dimensão natural, ligada à periodização e predeterminação das etapas da vida, abrindo-se como dimensão que remete à imprevisibilidade e irreversibilidade da condição humana, com pontos de virada, rupturas, continuidades e descontinuidades nas trajetórias de vida.

A narratividade oferece ao sujeito esta condição de autor, que constrói sua subjetividade agindo no mundo, transformando-o, como co-participante de uma rede de relações sociais, por meio da linguagem (OLIVEIRA, 2003). Referenda-se, assim, “o

pressuposto de que há uma dupla constituição entre sujeito e cultura, nos modos de subjetivação (...)” As narrativas se materializam e ganham sentidos dentro de um contexto, mediadas pelo sistema de crenças, valores e significados, levando-se em conta, por exemplo, as repercussões das tensões sócio-históricas da contemporaneidade (OLIVEIRA, REGO, AQUINO, 2006, p.122).

### **Projetos e campos de possibilidades: dinâmicas temporais juvenis na contemporaneidade**

A família, a escola, o grupo de amigos, a comunidade de origem são contextos que funcionam como unidades de transmissão cultural, campos semânticos que se interpenetram na estruturação dos múltiplos princípios de identificação e de reconhecimento social, (PAIS, 1996, p.196). Entre a influência sócio-cultural, da família e a trajetória individual existe uma “margem relativa de escolha” (Velho, 1981), em momentos históricos e contextos socioculturais particulares. Tendo como contexto de referência as sociedades complexas, Velho (1994) discute a ampliação e complexificação do campo de possibilidades dos sujeitos contemporâneos, devido aos seus multipertencimentos culturais. Tal mobilidade social e simbólica é consequência da heterogeneidade cultural atual, “[...] que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosas ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc. (VELHO, 1981, p. 16). Em resumo, nesse emaranhado de mundos de significados sócio-culturais, a construção de um projeto individual é uma forma de dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura, dando um sentido de continuidade biográfica, no tempo e no espaço. Segundo o autor a restrição ou ampliação desse campo, que traduz as possibilidades de escolha dos indivíduos, configura-se dentro de um determinado universo social, cultural e econômico, circunscrito por múltiplas visões de realidades e práticas culturais divergentes.

A memória como elo que inscreve a experiência geracional no contexto da história de outras gerações (familiar e social) é uma dimensão importante na construção dialógica de si, que permite ao sujeito “localizar-se a si mesmo no fluxo das gerações”, ou seja, “inscrever a própria existência, a própria história, numa história mais ampla na qual ela se inclui” (FEIXA; LECCARDI, 2010). Assim, é na sucessão geracional, como continuidade e/ou como mudança, agenciada por sujeitos sociais na construção de suas

identidades, que se desenrolam os processos de desenvolvimento humano, nas tensões entre o passado, o presente e o futuro, como tempo histórico e social, na construção de trajetórias biográficas, que se reinventam no encontro entre a tradição (o antigo) e a inovação.

A idéia de continuidade biográfica, como etapas determinadas de transição para a vida adulta, no entanto, já não está garantida e a memória de longo prazo, que configura a noção de biografia, como tempo pessoal de vida, assim como se projeta na aspiração do futuro não tão imediato, tende a perder força. Portanto, é o presente que se amplifica, configurando construções biográficas de um caráter inédito, desvinculadas das formas de projeto tradicionalmente entendidas.

Esta idéia desenvolvida por Leccardi (2005), a partir de pesquisa realizada na Itália, tenciona esta discussão sobre projetos individuais e campos de possibilidades, ao apontar para uma nova percepção de tempo sendo constituída pelos jovens em resposta às condições adversas de futuro profissional. Segundo a autora está ocorrendo por um lado o prolongamento da fase juvenil e, por outro, a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições, capazes de conferir uma forma estável à identidade, em uma época na qual o futuro a médio e longo prazo não pode ser discutido sem suscita certo temor.

A autora problematiza a idéia de projeto de vida, por conceber que há um esvaziamento da noção de futuro e uma centralidade da vivência de experiências no tempo presente “[...] como a única dimensão temporal disponível para a definição das escolhas, um verdadeiro horizonte existencial que, em certo sentido, inclui e substitui futuro e passado” (p.46). Atualmente, na busca por dar sentido a suas existências, os jovens cada vez mais se utilizam de táticas de alcance mais imediato, em resposta à fragilização dos vínculos familiares, à precária inserção no mundo do trabalho, à fragilização de algumas redes de sociabilidade (vizinhança, vida comunitária) e das agências tradicionais de socialização (escola, família, igreja).

Os jovens lançam mão de estratégias de curto alcance, cujo manejo do tempo deve levar em conta a indeterminação carregada de potencialidade, agarrando-se às oportunidades do momento, substituindo a idéia de projeto de vida, como adiamento do presente, por projetos curtos ou por objetivos, respondendo tanto à necessidade de assenhorear-se do tempo biográfico, como à pressão social por resultados. Estas novas tendências podem resultar tanto na conquista de novos percursos de liberdade e de espaços de experimentação, “para uma parcela dos jovens – talvez não majoritária, mas

com certeza culturalmente dominante”, quando transformadas em recursos simbólicos de reflexividade, como forma de elaborar respostas capazes de neutralizar o temor paralisante do futuro,“(…)mas também na perda do caráter evidente de uma relação positiva com o tempo social”, para aqueles que possuem poucos recursos sociais e culturais, quando o futuro sem controle pode dar lugar a um presente sem fascínio. (LECCARDI, 2005, p.53).

Pais (2006) também enfatiza como os jovens hoje vêem suas vidas marcadas por inconstâncias e descontinuidades, o que faz surgir entre estes “uma forte orientação em relação ao presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a eles se desenham” ( p.10). As trajetórias labirínticas, sem enquadramentos ou pré-destinações, em que os jovens transitam percorrendo trajetórias *yôyô*, como uso metafórico, em referência ao movimento de vai e vem, inconstâncias e flutuações, estão na base do cotidiano juvenil e de suas culturas próprias, como descreve Pais (2003). São atributos de uma condição juvenil e das “ritualidades que a constituem” (p.70), num movimento de socialização precário e oscilatório, entre o tempo social e o tempo biográfico.

Quando se focaliza a juventude rural, em relação à dinâmica temporal, suas experiências de vida entrelaçam o presente - as formas cotidianas de vida, a experiência geracional - o passado, sob a forte identidade referida ao grupo familiar (intergeracional) e o futuro - com seus projetos referentes à vida adulta em transição, permeados pelos restritivos campos de possibilidades.

Os jovens rurais tendem em alguns aspectos a combinar estratégias de como vivenciar o tempo presente, com suas visões de como preparar o tempo futuro, negociados no interior da família, mas também atravessados por outros referentes como a mídia, a moda, a globalização, espelhando também uma cultura urbana e moderna, na negociação das suas identificações.

Vivenciam ainda, uma busca por espaços “especificamente” juvenis de sociabilidade, que possibilitem a convivência potencial entre os iguais, como uma ‘unidade geracional’, que os identifica tanto enquanto grupo social, (coletividade), quanto no seu processo de singularização, no entrelaçamento entre a história social e a história pessoal (LECARDI E FEIXA, 2005).

### **Entre ficar ou sair: negociando posições no interior das famílias**

Os jovens direta ou indiretamente acabam por carregar a responsabilidade de romperem com as trajetórias biográficas ligadas à tradição familiar, agrícola, através do processo de escolarização. Para maioria dos pais desses jovens a escola média promoveria uma passagem quase “mágica” de acesso ao mercado de trabalho. O estudo é visto como principal caminho para abrir novas alternativas ao “trabalho penoso” do campo e as incertezas sobre o futuro da atividade agrícola. Nessa perspectiva a educação ganha contornos bem específicos. Para pais e filhos a educação é a oportunidade de ser “alguém” na vida, que está caracterizado pela conquista de um bom emprego. Corroborando com a idéia de Carneiro (2005, p. 249) ao afirmar que: “sendo o estudo encarado como a condição para, ‘ser alguém na vida’, o que significa fundamentalmente não ser agricultor”.

No relato da jovem entrevistada, fica clara essa responsabilidade, pois ela não apenas ultrapassa a escolarização de seus pais, como a de seus irmãos.

Tenho quatro irmãos, cinco comigo. Meus dois irmãos não estudam, pararam. Meu irmão mais velho parou no 1º ano, o de junto dele parou acho que na 5º ou 6º série, e minha irmã mais velha tava fazendo 2º ano e a mais nova parou na 7º série. Tive dificuldades mesmo quando eu tive meu filho, eu tava na oitava série, aí eu parei na oitava.[...] Eu pensei em voltar em primeiro lugar pelo meu pai, porque ele fica muito feliz quando vê que a gente ta estudando, que a gente quer alguma coisa, porque ele quer que o futuro da gente não seja igual o dele, aí é muito incentivo dele. Ele falava; “Ah você engravidou e não vai continuar estudando”? A gente ficava vendo assim ele triste, vendo que ele não queria isso pra gente, então eu voltei a estudar, assim, pra satisfazer a vontade dele e quem sabe arrumar um emprego. Mas ele [referindo-se ao pai] nunca desistiu da gente (...). (ISABEL, 19 anos)

É nesse sentido ainda que Elias (20 anos) reproduz uma fala do pai:

Apesar de que eu não tive um estudo, assim como você, eu só quero o seu melhor. [...] Hoje eu não tenho meu estudo, então não tenho um bom emprego! Mas, eu quero que você estude, pois hoje sem estudo você não é nada.[...]

Nesse cenário, a escola preenche idealmente a condição de realização dos projetos familiares de melhoria de vida, via escolarização e conseqüentemente inserção sócio-profissional de seus filhos. Entretanto para os jovens que estão vivenciando a experiência escolar, as estratégias de ação que mediam essa passagem não estão claras,

pois existe uma lacuna entre a projeção desta experiência no futuro e as condições concretas para sua realização (campo de possibilidades).

Concebida ainda como relevante espaço que lhes assegura um “prestígio social” em suas comunidades e sendo depositaria da esperança de um futuro melhor, mesmo assim, a escola apresenta-se desconectada da realidade e dos anseios da maioria dos jovens. Apesar da percepção de que a escola não significa uma certeza de no futuro estarem empregados, pensar em estar fora dela seria ainda pior.

Tanto quanto as dúvidas expressas no “pós formatura”, ou seja, quando chegam ao término do ensino médio, sendo que alguns deles representam a primeira geração a alcançar este nível de escolaridade, estão as dúvidas quanto à continuidade dos estudos. Sobre esta questão os jovens dividem opiniões entre cursos técnicos profissionalizantes, que lhes garantam uma inserção mais rápida no mercado de trabalho e a continuação da escolarização formal através cursos de pré - vestibular, para ingresso na universidade.

Eu to procurando meios pra... Enquanto eu puder me qualificar melhor. Por exemplo, eu vou agora pagar um curso de inglês. Me qualificar, porque quanto melhor...fazer um curso técnico. Até o vestibular. Terminando o terceiro ano, muitos procuram fazer cursinho, pra reforçar todo o ensino. E eu prefiro fazer um curso técnico, tô pensando ainda na área, meus tios estão me dando umas idéias, mas, eu não sei. Nada certo ainda. (ELIAS, 20 anos)

Quero fazer curso técnico. Eu quero ser auxiliar de enfermagem. Eu vou tá trabalhando, em quê eu não sei ainda, mas eu tenho certeza que eu vou ta trabalhando. Pra eu com ajuda do meu trabalho conseguir fazer meu curso. (ISABEL, 19 anos)

Ao difícil processo de saída do ensino médio, se somaria outra transição, a do ambiente rural para o urbano. No entanto, ao analisar como os sujeitos da pesquisa pensam e constroem suas estratégias de transição, ficam evidentes as dificuldades para efetivá-las.

Quando questionados sobre se a idéia de pensar no futuro implicaria sair da zona rural os jovens sinalizam que:

Com certeza sair! Porque a estrutura da zona rural ela é muito baixa, assim em relação de conhecimento. Então eu só penso em morar ou numa cidade grande, né ? [...] Porque o conhecimento lá é bem maior,

então quero aprimorar meus conhecimentos. Ela não me oferece oportunidades de estudos e de emprego. (ELIAS, 20 anos)

Não! Eu não quero de jeito nenhum sair daqui. Eu só vejo gente falar: “Ah, eu vou me mudar!” eu não quero não. O problema aqui são as oportunidades, porque emprego não tem. Mas se tivesse? Ia ser uma maravilha! (ISABEL, 19 anos)

Em relação às tensões existentes entre as marcas temporais, passado-presente-futuro ficou claro que no processo de escolhas dos jovens, a família exerce um papel preponderante. Assim, as negociações intergeracionais são marcadas por uma dinâmica que demanda de seus diferentes membros um constante exercício de situarem o passado das tradições, pensarem o presente, como campo de possibilidades marcado pela escolarização e projetarem o futuro, na construção de trajetórias biográficas, o que tem levado os jovens a refazerem continuamente suas estratégias.

Permanecer ou sair da zona rural são opções que demonstram os paradoxos da condição juvenil em contextos rurais, qual sejam o de negociar de um lado a tradição familiar, inserida nas práticas agrícolas e de outro a inovação, que representa a busca de alternativas de trabalho fora do distrito.

Com relação às diferentes perspectivas de gênero, pôde-se perceber que os delineamentos de futuro apresentam algumas semelhanças, como fazer cursos técnicos como etapa intermediária, que aumentaria as chances de empregabilidade a curto prazo, como uma experiência geracional comum. Porém diferem com relação ao campo de possibilidades, quando o que está em jogo é migrar ou permanecer na comunidade. Talvez se possa compreender estes diferentes delineamentos por força dos circunscritores sócio-culturais que orientam as trajetórias individuais, como vetores que limitam alguns percursos. Para o jovem, migrar faz parte de um percurso já delineado por outros homens da família, enquanto para a jovem o rompimento com a tradição do contexto cultural e familiar é mais difícil, projetando um cenário onde pudesse comungar dos dois mundos, como uma alternativa de conciliar a sua vinculação afetiva e cultural à terra.

Muitas vezes, o migrar é paradoxalmente tramado como estratégia fundamental para a manutenção da família no campo. Ter um único membro migrante, às vezes é condição para a sobrevivência e a permanência do restante do grupo familiar no campo. A saída, então, muitas vezes representa uma etapa de uma trajetória, que pode ser

marcada por múltiplos movimentos de idas e vindas (migrações sazonais ou definitivas), mas a referência do campo e de suas famílias permanece como um ancoradouro para esses jovens. Entretanto, no dilema rural/urbano, ficar ou sair, não é de toda forma uma oposição histórica, mas é ao mesmo tempo uma dualidade que contribui para a formação dessa identidade mista dos sujeitos rurais. Sonhar em morar na cidade não significa a automática negação com sua identidade rural, mas a busca de outras formas de oportunidades, já que as perspectivas de mobilidade social dos jovens em contextos rurais são mais restritivas.

Embora reconheçam algumas das limitações da escola, em geral, os jovens, tal qual afirma Sposito (2005, p. 123) “[...] não estabelecem críticas contundentes à qualidade da educação ofertada”. Fica claro que a vivência da experiência escolar é vivenciada em meio a conflitos e relações paradoxais. A conquista do “bom emprego” e conseguir no futuro “ser alguém na vida”, motivos relatados para permanência nos estudos, mesclam-se com outros significados contrastantes e conflituosos sobre o futuro de tais jovens, bem como imprimem “sentidos” paradoxais à instituição escolar.

Para os jovens rurais a distancia entre as localidades onde moram, as dificuldades de acesso a outras formas de lazer que, majoritariamente se encontram nas sedes dos municípios, configuram-se como entraves para a experiência da sociabilidade juvenil. O espaço escolar é apreendido também como ponto de encontro, onde fazer amigos e resenhar ocupa uma dimensão importante do cotidiano escolar.

Os jovens reconhecem que levam um “repertório” de habilidades e conhecimentos bastante restritos para enfrentar tanto o mercado de trabalho quanto o vestibular. Mecanismos de acesso ao ensino superior como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa Universidade para Todos (ProUni) e as políticas de cotas sociais e raciais ainda parecem ter impacto pequeno na construção de planos de construção de projetos futuros para os jovens entrevistados. As menções a tais políticas e programas foram escassas, revelando pouco conhecimento sobre os mesmos.

Em tal contexto é desafio da escola atual tematizar questões caras aos jovens como a difícil inserção sócio-profissional num mercado inconstante, exigente e competitivo e o reconhecimento das suas demandas para efetivarem a transição social na saída do Ensino Médio, como: melhorar a qualidade do ensino, ampliar os mecanismos de diálogo e participação estudantil, ampliar as redes de suporte social.

## **Referencias**

BRUNNER, J. *Atos de Significação*. Porto Alegre: ArteMed. 1997.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa social*. São Paulo: Editora, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.

CASTRO, L. R. Admirável mundo novo: a cadeia das gerações e as transformações do contemporâneo. In: COLINVAUX, D.; LEITE, B. L.; DELL'AGLIO, D. (Orgs.). *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

FEIXA, C.; LECARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n. 2, p.185-204, maio / agosto 2010.

JERUSALINSKY, A. Adolescência e contemporaneidade. In: *Conselho Regional de Psicologia 7ª Região. Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Porto Alegre: Libretos. 2003. p. 1-4.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

NARDI, H. C. A genealogia do indivíduo moderno e os suportes sociais da existência. *Psicologia e Sociedade*. v.14, n.1, p.141-146, jan./jun.2002.

OLIVEIRA, M. C. Subjetividade e conhecimento: do sujeito da representação ao sujeito dialógico. *Revista do Departamento de Psicologia*. Rio de Janeiro: UFF, v.15, p.33-52, 2003.

OLIVEIRA, M. K.; REGO; T. C.; AQUINO, J.G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições*, v.17, n. 2 (50), p.119-138, maio/agosto 2006.

PAIS, J. M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1996.

PAIS, J. M. Labirintos de vida e trajetórias yôyô. In: *Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2003. p. 65-83.

PAIS, J.M. Buscas de Si: expressividades e identidades juvenis. In ALMEIDA, M. I. M. de; EUGÊNIO, F. (orgs). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. p.7-21

SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa social*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p.87-127.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia as sociedade contemporânea*. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1981.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.